



Em busca de perspectivas

Pós-doutorado *Diante da escassez de colocações e fomento, oportunidade de aperfeiçoamento torna-se último recurso para doutores que desejam dar seguimento a suas pesquisas*

Felipe Ewald

Muito mais do que a frieza de um limbo, a sensação de um purgatório onde se pagam todos os pecados. Assim descreve Camila Timm Wood o lugar que ocupou no último ano como pós-doutoranda ligada ao departamento de Zoologia do Instituto de Biociências. “Tem todas as obrigações de uma posição que deveria ser valorizada – pela importância de suas atribuições – e nenhum benefício – não somos mais estudantes (com desconto no transporte público ou valor subsidiado no restaurante universitário) nem nos tornamos um profissional com vínculo empregatício.”

A impressão se refere ao status do posto ocupado, não ao departamento onde desenvolveu suas atividades nem à parceria com a professora Paula Araújo,

sua supervisora – a relação não é mais de orientação, como no doutorado. Tampouco paga pecados por sua atividade de cientista: “Eu sou muito empolgada com a minha pesquisa – se não fosse assim, já teria desistido, já que esse formato de pós-doc não é exatamente uma recompensa grande para tantos anos de trabalho. Quem está nessa etapa passou por pelo menos quatro anos de graduação, dois de mestrado, quatro de doutorado – está se especializando há muito tempo. E ainda é considerado um bolsista. É bem complicado”.

Apesar de sua empolgação com o que faz, Camila revela que não está segura de gostar de ser uma pesquisadora no Brasil no momento atual. Ela traz límpido na memória seu convívio com pós-docs na Alemanha, durante o mestrado, e na Eslovênia, em período de

sanduíche realizado no doutorado em Biologia Animal, o qual concluiu em março de 2017. “Lá, o pós-doutorado funciona como um período de amadurecimento do pesquisador antes de ele assumir uma vaga de fato. É uma transição que pode durar dois anos, mas que garante o status de jovem cientista. O vínculo garante um reconhecimento profissional – muitos têm direito a benefícios como plano de saúde e férias. Aqui, com o vínculo de bolsista nenhum desses direitos está assegurado”, lamenta.

Concentração – O possível cenário de interrupção completa das bolsas no país, como alardeou o Conselho Superior da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) em ofício divulgado em agosto, para Camila já é uma realidade.

Ela atua de forma voluntária, pois as bolsas nesse momento são escassas e há muita concorrência – tanto por fomento como por vagas de docente em instituições públicas. “No último concurso realizado no departamento de Zoologia, a primeira colocada tinha passado seis anos como pós-doc, sendo que já era o décimo primeiro certame de que ela participava. A colocação de pós-doutoranda acaba sendo o jeito de melhorar o currículo até ter chance de passar num concurso”, observa.

O crescimento da pós-graduação no país não foi acompanhada, no mesmo ritmo, pela expansão de vagas da carreira docente, em que pese o investimento via Reuni (Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais Brasileiras). Além disso, os aportes financeiros no ensino superior vem decaindo desde 2015. Camila acrescenta que a transição para o mercado em sua área é muito difícil, especialmente para quem tem formação extensa. “Uma das possibilidades de trabalho era nas fundações estaduais que estão sendo extintas. Então, a pesquisa ficou mesmo para a universidade”, resigna-se.

Resultado disso é que, apenas no departamento de Camila, há outros 12 pós-docs, alguns com bolsa, sendo que a maioria concluiu seu doutorado ali mesmo. De acordo com dados da Pró-reitoria de Pesquisa, órgão responsável por registrar o vínculo, a concentração de pesquisadores com esse vínculo ocorre igualmente em outros departamentos, como os de Metalurgia, Física, Bioquímica e Genética, com 16, 17, 23 e 24 pós-doutorandos registrados, respectivamente. Ao todo são 434 pesquisadores com esse vínculo na UFRGS.

O registro oficial é regulamentado pela resolução 26/2011 do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE) e tem a duração de dois anos, com a possibilidade de renovação. Bruno Cassel, vice-pró-reitor de pesquisa, ressalta que o documento torna claro que não há vínculo empregatício com a Universidade – esta apenas permite que o pesquisador utilize sua estrutura. Se há algum fomento, a relação se dá diretamente com a agência que o concede. Segundo ele, o maior público é de recém-doutores ainda sem colocação, mas há também docentes de outras universidades e pessoas que já estão colocadas no mercado.

Bruno observa que a atividade principal do pós-doc no espaço da Universidade é a pesquisa. “Pode também ter atividades de ensino na graduação e pós-graduação, mas não pode registrar um projeto próprio – é convidado

a participar do projeto de um docente.”

Tempo de formação – Na perspectiva do pós-doutorando no Programa de Pós-graduação em Antropologia Marcelo Tadvald, no entanto, o propósito primeiro é a docência, “porque a atividade de pesquisa é diluída, já acontece naturalmente nesse momento da caminhada acadêmica – pareceres, publicações, congressos, grupos de pesquisa. Isso já flui”. Ele complementa: “Com o pós-doc, com certeza me tornei mais professor – este era o objetivo com esse período. Todas as instâncias da universidade são relevantes, mas, para mim, a razão de tudo isso é a sala de aula, a atividade pedagógica”.

Marcelo é da primeira seleção do Programa Nacional de Pós-doutorado (PNPD) da Capes dentro do PPG em Antropologia. Isso no final de 2013, dez meses após defender o doutorado no mesmo programa. “Dei sorte. Quem é mais ou menos da minha geração e não está no PNPD, mas tem em vista a carreira acadêmica, se vê numa situação complicada”, comenta.

Para o antropólogo, o pós-doutorado é um caminho acadêmico natural atualmente, por conta do modelo de mercado profissional. “Nas ciências humanas, a maioria de quem faz doutorado está voltada para a docência. Mas não há espaço para todos – é um cálculo simples: são cerca de 20 doutores formados por ano só na UFRGS”, pondera.

Em dezembro, encerra-se o período de cinco anos da bolsa de Marcelo. “Sempre soube que era temporário. Já sofri muito por causa disso; curiosamente, muito mais do que hoje. Agora, distensione, até porque, na minha caminhada, já fiz muita coisa, nunca fui só um acadêmico. Já trabalhei até em lanchonete e em banco.”

Camila, por sua vez, encerrou seu pós-doutorado junto ao departamento de Zoologia após um ano de trabalho. Ela comenta que a pesquisa tomou um aspecto de hobby para ela – segue indo duas vezes por semana ao laboratório no câmpus do Vale. Para se sustentar, dá aulas particulares de inglês e presta serviço de revisão e adequação de artigos científicos a serem publicados em língua inglesa. “Desde a quinta série eu sabia que queria estudar animais. Virei exatamente o que queria. Confesso que é bastante frustrante chegar até aqui e ver que não tenho muito para onde ir”, desabafa. Para viabilizar a carreira de pesquisadora, segue prestando concursos e se candidatando a vagas em instituições na Europa.

GUSTAVO DIEHL/SECOM



Apesar do entusiasmo por sua pesquisa, Camila Timm Wood, pós-doutora no departamento de Zoologia, esbarra nas limitações de financiamento e colocação profissional